

EDUCAÇÃO E PESQUISA: PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS

Cristiano Carvalho Nascimento¹
Maeve Mascarenhas de Cerqueira²

RESUMO

O ensaio é relevante para as pesquisas na área de Educação, visto que possibilita a compreensão de teorias epistemológicas, a saber, Positivismo, Marxismo, Fenomenologia, Fenomenografia, Etnometodologia na busca do viés metodológico que deve nortear o trabalho científico. Objetiva-se, com este trabalho, refletir-se sobre alguns postulados de cada teoria apresentada, na busca dos caminhos metodológicos pertinentes para os trabalhos de pesquisa. Perquiriu-se, através de pesquisas bibliográficas, apresentar alguns postulados das teorias elencadas acima.

Palavras-Chave: Teorias epistemológicas; Educação; Pesquisa.

RESUMEN

El ensayo es relevante para la investigación en el área de Educación, visto que permite la comprensión de las teorías epistemológicas, a saber, el positivismo, el marxismo, la fenomenología, la fenomenografía, la etnometodología en la búsqueda del sesgo metodológico que debe guiar el trabajo científico. El objetivo de este trabajo es reflexionar sobre algunos postulados de cada teoría presentada, em busca de las rutas metodológicas relevantes para el trabajo de investigación. Se buscó, a través de la investigación bibliográfica, presentar algunos postulados de las teorías enumeradas anteriormente.

Palabras-Clave: Teorías epistemológicas; Educación; Investigación.

I. Introdução

Vislumbra-se, neste ensaio, algumas teorias epistemológicas que possibilitam embasar trabalhos científicos na área de Educação, a saber, Positivismo, Marxismo, Fenomenologia, Fenomenografia, Hermenêutica. Por conseguinte, traça-se uma visão geral dos princípios que caracterizam essas vertentes cognitivas na construção das (...) das pesquisas educacionais.

¹ Técnico Universitário – Departamento de Educação – Campus XIII – UNEB, Coordenador Administrativo dos Cursos de Pós-Graduação *lato sensu*, Graduando do Curso de Direito – Universidade do Estado da Bahia – Campus XIII. E-mail: ccnascimento@uneb.br

² Doutora em Educação – Universidade Del Mar – Chile; Professora do Departamento de Educação – Campus XIII – UNEB; Email: maevemascarenhas@hotmail.com.

II. Questões Epistemológicas

II.1. Discussão Teórico - Metodológica

O Ser Humano e suas relações tumultuosas com o próximo já eram percebidas pelos gregos, tanto que criaram o Mito de Dédalo e seu sobrinho Talos, na tentativa de compreender a natureza humana. Regis (2006) resgata esse mito:

Conta-se que as estátuas que ele fazia ficavam tão perfeitas que com vida pareciam que estavam. Mas era mais conhecido como o arquiteto/inventor que, à Cidade de Atenas, ainda mais bela tornou. (s.p)

Fundamentado em Civita (1973), o mito sobre Dédalo e Talos diz que em Atenas (cidade grega) vários cidadãos desejam possuir esculturas fabricadas por ele ou viver nas majestosas construções que sua imaginação concebe com lógica e beleza. Suas estátuas parecem estar vivas. Dédalo não trabalha sozinho, ajuda-o Talos, seu sobrinho e aprendiz. Incansavelmente, Talos trabalha com emoção sobre a madeira ou o barro. Tio e sobrinho vivem em paz até o dia em que Talos inventa o torno do oleiro. O rapaz moldava um vaso no barro, encontrou dificuldade em terminar a obra, achou melhor buscar uma forma de aprimorar as condições de trabalho. Assim, criou seu invento. Quando Dédalo vê o torno, fica pálido de espanto e ciúme: a partir daí a inveja corrói sua alma. Talos, no entanto, continua produzindo, sem se aperceber do desespero do tio.

Depois Talos cria o serrote, após observar os dentes enfileirados e agudos de uma serpente morta. Os artesãos de Atenas, agradecidos pelas facilidades que os inventos de Talos proporcionam a eles, ficam muito gratos. Dédalo não é mais tão importante. Enciumado, decide, então, matar o sobrinho, convida-o para passear e do alto das muralhas do templo de Atena (deusa da sabedoria) atira o aprendiz cujo sangue escorre pela terra. Dédalo é julgado e condenado à morte pelo tribunal Ateniense.

Esse mito possibilita-se interpretações emblemáticas, aqui, especificamente, é citado para que se possa perceber a tensão que existe na produção do conhecimento e a importância dessa tensão para a ininterrupta produção do saber. O ser humano, produtor do conhecimento e relações, cria, então, diversas possibilidades para estar e agir no mundo. Ora, essa analogia serve para subsidiar a discussão Epistemológica.

Nessa trilha Epistemológica, é possível vislumbrar algumas tradições de investigação científica (frutos da capacidade humana de “ver” o mundo) dentre elas o Positivismo, Marxismo, Fenomenologia, Fenomenografia, Etnometodologia. Procura-se traçar uma visão geral das principais ideias que caracterizam essas vertentes, as quais, geralmente, mais tem guiado, em nossos dias, a pesquisa em educação.

Ora, de acordo com Triviños (1995), o Positivismo (Comte 1798 – 1857) foi a tendência teórica predominante nas pesquisas educacionais até a década de setenta do século vinte, todavia começou a perder terreno em meados dos anos oitenta do mesmo século, concorreu para isso o viés que norteava a prática investigativa de cunho positivista, ou seja uma prática mecânica, muitas vezes dissociada das necessidades econômico-político-sociais da época. A tendência à quantificação com privilégio na busca de resultados essencialmente estatísticos amarrava o pesquisador aos dados para estabelecer relações estatísticas significativas entre os fenômenos, nessa ótica, a análise da realidade terminava onde devia iniciar. Diz Triviños (1995):

O trabalho isolado, separado de um contexto maior, das informações fez destes elementos improdutivos, inúteis para os possíveis usuários das pesquisas. No melhor dos casos foram usados porcentagens para justificar tarefas, projetos etc., sem maiores perspectivas e profundidade. (p.31)

Quanto ao Marxismo, no qual percebe-se uma primeira fase, representada por Marx; uma segunda, na qual estão juntos Marx e Engels e uma terceira, com as contribuições de Lênin; tem em seu bojo o materialismo dialético e o materialismo histórico. Triviños (1995) vai ressaltar que a importância do materialismo dialético está relacionada ao fato de haver ressaltado a relevância da prática social como critério da verdade. O materialismo dialético tem como base de seus princípios a matéria, a dialética e a prática social. Quanto ao materialismo histórico, o mesmo estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade. Nessa linha teórica, o pesquisador pautado nessa postura vai ressaltar em seu estudo uma concepção dialética da realidade natural e social do pensamento, a materialidade dos fenômenos e a possibilidade de conhecê-los. Argumenta Triviños (1995):

Em sua origem, a dialética nos tempos de Platão e Aristóteles era entendida como a arte da discussão à base de perguntas e respostas. Mas, desde os tempos de Heráclito começava-se a defender outra idéia básica da dialética: a da materialidade do mundo e a da transformação de toda propriedade em seu contrário... Uma notável contribuição realizou, mais tarde, no século XVIII, o idealismo clássico alemão para a consolidação da dialética e, em seguida, do materialismo dialético...entenderam a realidade não só como objeto de conhecimento, mas também como objeto de atividade...Mas é com Hegel que...se concebe todo o mundo da natureza, da história e do espírito como um processo...Sobre as bases da dialética hegeliana, mas rejeitando o conteúdo idealista das mesmas, e colocando a concepção materialista do mundo da história e do pensamento, e apoiando-se nas conclusões da ciência, Marx e Engels elaboraram o materialismo dialético (pp 52 e 53)

Isto posto, o pesquisador que se norteia por uma linha embasada pelo marxismo segue o materialismo dialético e a visão de uma concepção dialética da realidade natural e social do pensamento, a materialidade dos fenômenos e a possibilidade de conhecê-los. As pesquisas em educação pautadas por essa linha devem abarcar as concepções da estrutura das formações socioeconômicas, modos de produção, relações de produção, base e histórico da sociedade a partir das relações socioeconômicas, concepção de homem e educação, dentre outras. Essas pesquisas distanciar-se-ão da quantificação Positivista rumo a uma abordagem qualitativa que vai buscar estabelecer as relações sócio-históricas do objeto em estudo, seu fundamento, seu conteúdo e forma, realidade e possibilidade, prima-se por uma não tendência à quantificação, nem resultados estatísticos.

Com relação à Fenomenologia, consubstancia-se o que diz Triviños (1995) quando diz que é o estudo das essências, a essência da percepção, da consciência. Bodgan e Biklen (1994) dizem que os investigadores fenomenologistas tentam compreender o significado que os acontecimentos têm para as pessoas em situações particulares e mais:

A sociologia fenomenológica foi particularmente influenciada pelos filósofos Edmund Husserl e Alfred Schutz... Tentam penetrar no mundo conceptual dos seus sujeitos...Com o objetivo de compreender como e qual o significado que constroem para os acontecimentos das suas vidas quotidianas. (pp 53, 54).

Ainda sobre a Fenomenologia, é importante destacar o que diz Demo (1995) ao ressaltar que uma postura fenomenológica prima pela modéstia do respeito à realidade social,

isso posto, tenta compreendê-la em sua intimidade, a qual reconhece como algo existencial, irreduzível à realidade natural. Seguindo essa orientação, a pesquisa de matriz fenomenológica traz no seu bojo uma abordagem qualitativa, visto que, segundo Bodgan e Biklen (1994), deve-se questionar os sujeitos da pesquisa com a finalidade de perceber aquilo que eles experimentam, o modo de interpretar as suas experiências, o modo de organizar o mundo social em que vivem; há, isto posto, uma preocupação com o significado.

Por fim, a Fenomenografia é o paradigma epistemológico de pesquisa de cunho interpretativo – subjetivista, surgido no princípio da década de oitenta do século XX na Universidade de Gotemburgo, na Suécia, protagonizada por Terence Marton. De acordo com Marton (1986), uma pesquisa com abordagem fenomenográfica estuda as relações humanas a partir de um viés qualitativo na busca por interpretar as diferentes maneiras que os seres humanos pensam sobre determinado fenômeno, ou seja, as relações que se têm sobre determinado aspecto do mundo que os rodeia, ou seja, a Fenomenografia se ocupa do modo pelo qual os seres humanos descrevem a percepção e os pensamentos a cerca de determinado fenômeno.

Para um aporte ao viés Fenomenográfico, busca-se, também apoio na Etnometodologia, porque mesmo não sendo um método na coleta de materiais, ela tenta lidar com conteúdos específicos de conversas, compreensão de senso comum, vida cotidiana e, principalmente, acerca-se do que diz Bodgan e Biklen (1994), ou seja exortam os pesquisadores que trabalham numa perspectiva qualitativa a serem mais sensíveis à necessidade de “por entre” parênteses as suas visões de mundo, ao invés de operarem sem consciência delas.

Por fim, também como aporte à abordagem Fenomenográfica, opta-se pela Hermenêutica de Gadamer (1965, 1990) a qual se dirige a interpretar e compreender conteúdos da comunicação humana, em toda a sua complexidade e simplicidade.

II.2. Fenomenografia

Após uma discussão mais abrangente sobre algumas correntes epistemológicas que embasam pesquisas na área de Educação centra-se, agora, num maior aprofundamento sobre a abordagem Fenomenográfica e Etnometodológica.

Respaldoando-se em Arkerlend (2005), Sandoval e outros (2007), Sandoval e outros (2010), a pesquisa de base Fenomenográfica se detém sobre o sentido coletivo dos significados dos atores envolvidos num determinado estudo e não sobre o sentido individual de cada um. Explicitando-se melhor, procura-se uma logicidade entre significados diversos, na perspectiva do sentido coletivo, não deixando de lado a compreensão de que as experiências individuais podem variar com base no tempo e na situação, levando a pessoa a ter compreensões diferentes a partir de um determinado acontecimento, justamente por conta desses fatores.

Torna-se importante ressaltar que tanto, a abordagem Fenomenográfica quanto a Fenomenológica priorizam a experiência humana, todavia a Fenomenologia tem seu aporte na essência da experiência, já a Fenomenografia aporta-se na vivência do fenômeno.

Desta maneira, segundo Abric (1994), o procedimento metodológico de uma pesquisa deve abarcar dois fatores diversos; fatores empíricos e fatores teóricos. Os fatores empíricos estão relacionados à natureza do objeto estudado, o tipo de população etc; quanto aos fatores teóricos, eles se referem ao sistema teórico sobre os métodos e técnicas pertinentes à pesquisa. É mister ressaltar o caráter dinâmico, complexo, cambiante da realidade social o qual

prescinde de uma análise positivista cujos métodos impõem um procedimento não-social às ciências sociais.

Dessa forma, Horkheimer (1980) diz que o valor de uma teoria depende de sua relação com a práxis, ou seja, uma teoria social coerente deve estar relacionada às forças transformadoras que existem na sociedade.

II.3. Etnometodologia

O viés etnometodológico perseguido na pesquisa pautou-se, segundo Bogdan e Biklen (1994), na compreensão de que a etnometodologia refere-se à matéria substantiva a ser investigada, ou seja o estudo dos modos como os indivíduos constroem e compreendem as suas vidas quotidianas – os seus métodos de realização da vida de todos os dias.

Na dimensão pensada por Coulon (1995) ressalta-se que:

A importância teórica e epistemológica da etnometodologia se deve ao fato de efetuar uma ruptura radical com os modos de pensamento da sociologia tradicional. Mais que teoria constituída, ela é uma perspectiva de pesquisa, uma nova postura intelectual. A entrada da etnometodologia em nossa cultura anuncia uma verdadeira reviravolta de nossa tradição sociológica. Essa mudança com uma ampliação do pensamento social. Dá-se hoje maior importância à compreensão que à explicação, à abordagem qualitativa do social que à quantofrenia das pesquisas sociológicas anteriores (p.7)

Assim, de acordo com Bogdan e Biklen (1994), a etnometodologia não se refere aos métodos utilizados pelos pesquisadores para se recolher dados, mas à matéria substantiva a ser investigada. A etnometodologia refere-se, outrossim, ao estudo da maneira pela qual as pessoas constroem e compreendem as suas vidas cotidianas. Assim dizem (1994):

Um número significativo de autores na área de educação foi influenciado por esta perspectiva. Mesmo que, por vezes, seja difícil diferenciar o seu trabalho do de outros investigadores qualitativos ele tende a lidar mais com microquestões, com conteúdos específicos de conversa e vocabulários e com detalhes relativos à acção e à compreensão. Estes investigadores utilizam frases como “compreensão de senso comum”, “vida quotidiana”, “realizações práticas”, “bases rotineiras de acção social” e “relatos”. (p.60)

Ainda segundo Bogdan e Biklen (1994) os etnometodólogos tentam compreender o modo como as pessoas percebem, explicam e descrevem a ordem no mundo em que habitam.

Busca-se, assim, um paradigma interpretativo em detrimento do normativo visto que segundo Coulon (1995):

Os homens nunca têm, seja lá no que for, experiências idênticas, mas supõem que elas sejam idênticas, fazem como se fossem idênticas para todos os fins práticos. A experiência subjetiva de um indivíduo é inacessível a outro indivíduo. Os próprios atores ordinários, que no entanto não são filósofos, sabem que não vêem jamais os objetos de maneira comum: não se colocam no mesmo ponto de observação desses objetos (...).Ninguém vê a mesma coisa, quando vai assistir a uma partida de futebol, quer esteja sentado nas tribunas centrais que nas arquibancadas. Todo mundo sabe tão bem disso que se aceita, para assistir a uma mesma partida, que os preços sejam diferentes porque a qualidade do espetáculo, ou mais exatamente a qualidade do olhar difere conforme o ponto de vista. (pp 12, 13)

Nessa caminhada, fala Gadamer (1990):

Na minha hermenêutica, parto da idéia de que é preciso “desabsolutizar” o ideal de método proveniente das ciências exatas. Meu objetivo é uma DISCIPLINA – não no sentido de um ramo particular do conhecimento, mas no de uma atitude de rigor – que engloba, ultrapassando-o, o domínio do método. (p. 214)

E diz ainda (1990):

O que caracteriza as ciências humanas é que não aplicam somente métodos ensinados, mas também com uma capacidade de compreensão que se desenvolve no leitor, no pesquisador, no pensador...para mim, não se trata de descobrir como é preciso compreender, mas o que se produz realmente quando compreendemos (p.44, 45).

Por conseguinte, a compreensão ultrapassa os limites da “compreensão em si” rumo a uma descoberta do que realmente se produz a nível de conhecimento.

IV. BIBLIOGRAFIA

ABRIC, Jean Claude. Pratiques sociales et représentations. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

ARKERLIND, Gerlese. Variação e uniformização de métodos de pesquisa fenomenográfico. Ensino Superior e Desenvolvimento, vol.24, p.321-334, 2005.

BOGDAN, Robert, & BIKLEN, Sári. Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos. Portugal: Porto Editora, Ltda, 1994.

CIVITA, Victor. Mitologia Grega. SP: Abril Cultural, 1973.

COULON. Alan. Etnometodologia. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1995.

DEMO, Pedro. Metodologia Científica em Ciências Sociais. São Paulo: Atlas, 1995.

GADAMER, Hans Georg. Wahrheit und Methode. Tuenblgen: Mohr, 1965.

_____. Filosofias. Entrevista do Le Monde. São Paulo: editora Ática, 1990.

HORKHEIMER, Max. Da discussão do racionalismo na filosofia contemporânea. In: Teoria Crítica I. São Paulo; Cortez, 1980.

MARTON, Ference. Phenomenography: a research approach to investigating different understandings of reality. Journal of thought, San Francisco, v.21, n.3 p. 28 – 49, 1986.

REGIS, Rosa. O Mito de Dédalo e Ícaro. Recanto das Letras. Publicado 12/05/2006. Código do Texto: T154582 recantodasletras.uol.com.br

SANDOVAL, Beatriz Figueroa et al. Percepciones de los estudiantes de educación básica respecto de sus prácticas de lectura y escritura con apoyo del hipertexto. *Theoria*, vol.16, n.002, Universidade Del Bío-Bío, Chile, 2007, p. 91-101.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Editora Atlas S.A, 1995.